“O índio que mora na nossa cabeça”: um relato sobre os desafios do ensino da História Indígena em sala de aula

Luciana da Veiga [1]

RESUMO: O objetivo deste texto é relatar uma prática que buscou trabalhar História Indígena com as estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, Anos Finais, na Escola Municipal Miguel Pietroski, no ano de 2023, no município de Erval Grande - RS. A proposta foi desenvolvida no componente curricular de História e teve como objetivo problematizar a ideia construída sobre as populações indígenas do Brasil. Como metodologia para identificar o que os estudantes pensavam sobre as populações indígenas pedimos que eles desenhassem a primeira imagem que viesse à sua mente quando se falava a palavra “índio”. Como fundamentação teórica de nossa atividade utilizamos os autores HALL, (2016) e MUNDURUKU, (2012) e BANDEIRA, et. al (2007). Os resultados apresentados aqui indicam que, as conquistas legais sobre o ensino de História Indígena foram fundamentais para democratizar a escola. Porém, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a sociedade, de modo geral, aprenda a enxergar a humanidade de pessoas que sobrevivem à um projeto violento de colonização.

Palavras-chave: História Indígena; Educação; Democracia; Representação; Sociedade.

INTRODUÇÃO

A proposta de se desenvolver uma atividade sobre as populações indígenas no Brasil, tem sua justificativa ancorada na lei 11.645/08, que estabelece de forma obrigatória o ensino de História Indígena nas escolas. Além das questões legais, antes da abordagem do conteúdo fizemos uma sondagem através da elaboração de desenhos, para descobrir o que os estudantes sabiam sobre os povos indígenas do Brasil. As respostas, tanto verbais como ilustradas, apresentadas pelos estudantes diante da pergunta: “O que vem a sua cabeça quando se fala em índio?”, de forma geral, foram: “Oca, caça, pesca, tribo, mata, ‘uga-uga’, dança da chuva” e tantos outras.

1 Professora da rede pública licenciada em História pela Universidade Regional do Alto Uruguai e da Missões URI – Campus Erechim, licenciada em Pedagogia pela Universidade do Norte do Paraná – Unopar – Polo Erechim, *especialista em Educação Integral pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Erechim, Mestra em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Erechim.,* contato: daveigaluciana03@gmail.com.

As manifestações dos estudantes evidenciaram um enorme desconhecimento sobre as populações indígenas que compõem o Brasil. Pois, estes argumentos têm sua base na ideia do “bom selvagem”, construída por viajantes que percorreram nosso país ainda no período colonial. Naquele momento, devido ao processo de espoliação realizado pelos portugueses em nosso território, os povos indígenas foram retratados como pessoas ingênuas, que precisavam da tutela do branco para se tornarem civilizados. Essa construção do que é ser indígena, faz parte de “modelos de políticas indigenistas que foram adotados pelo Brasil desde seus primórdios até os dias atuais” (MUNDURUKU, 2012, p, 26). Esse modo de pensar marginaliza qualquer membro dessa população que não se enquadre nos estereótipos construídos historicamente, fato que representa um preconceito que deve ser combatido, uma vez que temos o compromisso em educar para a democracia.

METODOLOGIA

Para fundamentar a prática dividimos a atividade em etapas. Na etapa 01, solicitamos que os estudantes fizessem um desenho sobre as populações indígenas do Brasil, pois o desenho na história da humanidade é uma das formas de comunicação mais utilizadas, antecedendo a escrita, indicando uma forma de linguagem básica e universal. Assim, o desenho da figura humana é usado como temática de avaliação psicológica em diversos sistemas de interpretação, tanto de cunho evolutivo quanto emocional, sendo usado em muitos casos pela existência de uma relação íntima entre o desenho e o desenvolvimento cognitivo, uma vez que eles irão representar aquilo que sabem. (BANDEIRA, et. Al, 2007). Na etapa 02, os estudantes fizeram a o capítulo do livro didático que discorria sobre as populações indígenas na atualidade e assistiram o documentário “Falas da Terra”, produzido pela Rede Globo de Televisão, em 2021, disponível em: https://youtu.be/repPmoz8ozQ?si=IL0TWWynOUH4t1JI. Na 3º e última etapa, solicitamos que os estudantes fizessem novamente o desenho, com a intenção de perceber qual foi o aprendizado construído.

DESENVOLVIMENTO/DISCUSSÃO

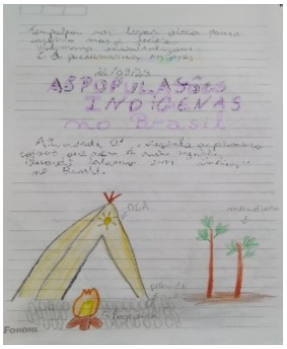
De acordo com Stuart Hall, a representação é parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. (HALL, 2016). Dessa forma, ao abordarmos temas referentes ao ensino de História Indígena na sala de aula, estamos lidando com representações construídas historicamente sobre essas populações.

As representações culturais partilhadas pela sociedade brasileira sempre apresentaram o indígena como sendo

> "[...] nativos desprovidos de cultura e educação – 'um papel em branco', onde se podiam inscrever dogmas da civilização por meio da catequese e da instrução. E através disso, a imposição de valores sociais, morais, sociais e religiosos correspondeu ao um processo violento de desintegração e destruição da maioria das sociedades indígenas." (MUNDURUKU, 2012, p. 29)

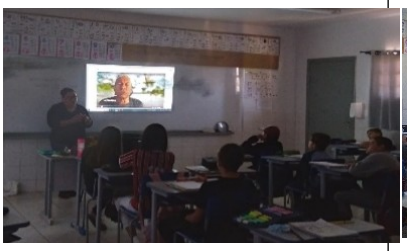
Quando trabalhamos História Indígena em sala de aula essa construção cultural histórica se faz muito presente na cabeça dos estudantes. Como evidenciou-se em cada uma das etapas da prática que será relatada na sequência.

Tabela 1: Desenhos produzidos pelos estudantes antes da abordagem sobre a diversidade de povos indígenas no Brasil e a apresentação do documentário.

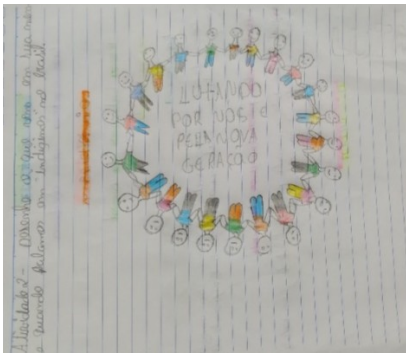
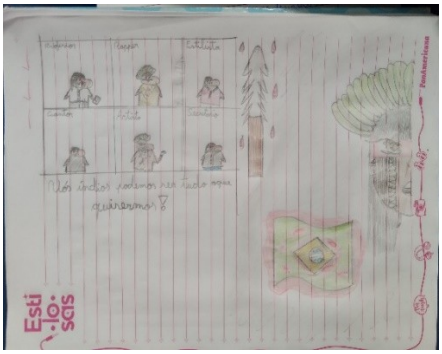
Fonte: Acervo da autora.

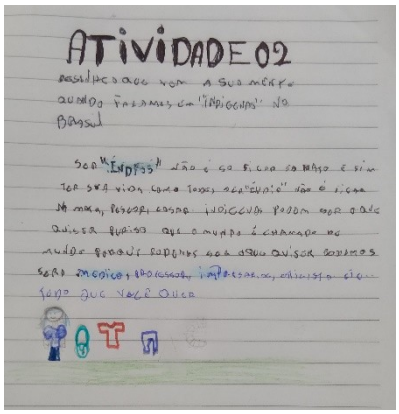
Tabela 2: Estudantes durante as aulas que abordaram a diversidade de povos indígenas no Brasil assistindo o documentário “Falas da Terra”.

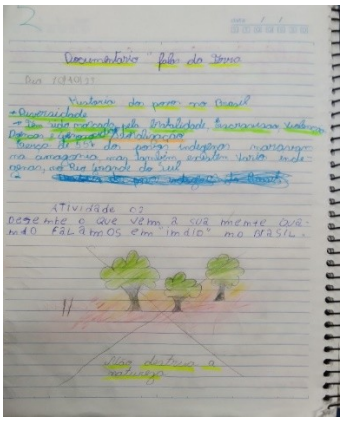
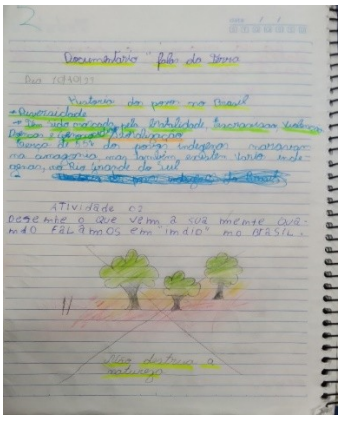


Fonte: Acervo da autora.

Tabela 3: Desenhos sobre os povos indígenas feitos pelos estudantes após terem assistido as aulas que abordaram a diversidade e o documentário “Falas da Terra”.



Fonte: Acervo da autora.

CONCLUSÃO

Avaliamos a atividade desenvolvida com positiva, pois antes da abordagem do conteúdo os estudantes reproduziam através de seus desenhos ideias que demonstravam desconhecimento sobre a diversidade dos povos indígenas no Brasil, especialmente no que se refere a sua luta pelo direito à cidadania.

Os desenhos produzidos após a abordagem dos conteúdos demonstram que os estudantes mudaram sua percepção sobre essas populações, pois nas ilustrações há frases como: “Lutando por nós e pelas novas gerações.” “Não destrua a natureza.” “Nós índios podemos fazer o que quisermos.” “Nós podemos ser médicos, estilistas, professores [...] o que quisermos.” Dessa forma, percebemos que conseguimos apresentar aos alunos uma ideia do indígena brasileiro que contradiz a representação de que esses seres humanos são um papel em branco, desprovidos de cultura, educação e valores morais.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Denise; COSTA, Angelo; ARTECHE, Adriane**. Estudo de Validade do DFH como medida de Desenvolvimento Cognitivo Infantil**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 21 (2), 332-337, 2007, p. 332. Disponível em: www.scielo,br/prc . Acesso em: 01/10/2024.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio: Apicuri, 2016.

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do Movimento Indígena brasileiro (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2012.